

Cadernos de estágio

# Tomada I: A lição do meu pequeno amigo cineasta

Maria Luiza de Souza Cunha <sup>1</sup>

## Informações

<sup>1</sup> luiza.cunha.711@ufrn.edu.br

## Como citar este texto

CUNHA, Maria Luiza de Souza. Tomada 1: A lição do meu pequeno amigo cineasta. Cadernos de Estágio, v. 8, n. 1, 2026. DOI: [10.21680/2763-6488.2026v8n1ID40821](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2026v8n1ID40821).



Uma vez aprendi com um certo poeta que é preferível dar importância a coisas desimportantes, o que me fez valorizar, com mais consciência, aqueles momentos pequenos, que parecem não tão significativos, mas que podem nos transformar grandiosamente. Pode ser o balançar das folhas durante uma lufada de vento, o canto dos pássaros ao entardecer de um dia no interior ou até mesmo o abraço aconchegante recebido quando menos se esperava. Foi justamente esse ato carinhoso que me cativou tão fortemente em meu último dia de estágio em uma Escola Pública de Ensino Infantil e Fundamental I no município de Natal/RN.

Eu estava sentada no banco durante o recreio das crianças, acompanhando a turma do quinto ano. Meu celular vibrou. Notei que era mais um e-mail informando “Novo arquivo inserido na turma virtual [...]”, ou seja, mais um texto teórico está no aguardo da leitura. Minha mente ansiosa já estava planejando meticulosamente o que deveria ser feito ao chegar em casa, quando, de repente, um garotinho do segundo ano do Fundamental chegou perto de mim e puxou meu celular para gravar um vídeo. Pelo fato de ter ouvido o relato de algumas professoras, já conhecia o laudo de TEA desse aluno, bem como o hábito que tem de gravar vídeos e assistir a eles em sequência.

2 Ele usava poucas palavras, mas seus gestos rápidos de abrir a câmera do celular, posicioná-lo em minha mão e partir para o seu pequeno roteiro de gravação, conseguiram me mostrar que, naquele momento, a linguagem era outra. Quando menos esperei, estava diante de um pequeno cineasta em ascensão. O que mais gostava de filmar era o ato de sair correndo por uma direção para que – tcharam! – voltasse a surgir por outra, como em um verdadeiro passe de mágica.

Estava adorando vê-lo feliz, com um sorriso pueril estampado em seu rosto, demonstrando que seu trabalho estava saindo como planejado – espero que eu tenha sido uma boa assistente de gravação. Então, ele sentou-se ao meu lado, encostou a cabeça no meu ombro e começou a assistir aos seus pequenos filmes, de modo que sempre gargalhava quando o seu rosto aparecia no primeiro plano do enquadramento.

No entanto, sabe aquele momento em que a situação inicial do filme está prestes a ter uma ruptura? Era exatamente isso que eu pressentia ao ouvir tocar a música que indica o final do intervalo para a turma do quinto ano. Esse era um sinal de que eu precisava retornar o quanto antes para a sala de aula, pois a professora estava sozinha naquele dia e eu queria ajudá-la a aplicar um pequeno simulado para a turma.

Sempre com calma e chamando-o por seu nome, comecei a falar para o aluno que precisava guardar meu celular e voltar para a sala, já que a turma estava me esperando. Como resposta, ele me dizia “Não acabou os vídeos! Não acabou os vídeos do Carlinhos!”<sup>1</sup>. Ao tentar segurar o riso, perguntava para ele “Como eu vou

---

1 Para preservar a identidade do aluno, foi criado um nome fictício

voltar para a sala, Carlinhos?”, tendo mais uma vez como resposta “Não acabou os vídeos!”. Fiquei mais um pouco com ele, mas comecei a ficar preocupada porque sei o quanto é negativo que uma criança daquela idade passe tanto tempo em frente ao celular. Sugeri que fôssemos para o parque, junto de seus amigos, mas ele estava irredutível e focado em seu maior interesse.

Embora estivesse com receio de que alguma professora chamasse minha atenção em virtude do aparelho, o desejo de que Carlos voltasse a interagir com seus colegas era muito maior. Sendo assim, pedi uma ajudinha de quem passava e me disseram quais as professoras do meu pequeno companheiro, que logo vieram me ajudar. Naquele momento, percebi que determinados saberes vêm apenas com o estudo e a experiência docente, pois a professora demonstrava a compreensão e a sensibilidade para com as necessidades específicas do aluno, o que guiou sua ação.

Gentilmente, ele me entregou o celular e seguimos para a sala de aula. No caminho, quando menos percebi, ele me deu um abraço e segurou a minha mão. Notei que ele estava se sentindo confortável e seguro, mesmo sendo a primeira vez em que interagíamos – logo no último dia do meu estágio. Paramos em frente à sua sala de aula, abaixei um pouco e disse que precisa voltar para a turma do quinto ano. Com a alegria pueril em seu rosto, ele se despediu dizendo “Acabou os vídeos! Acabou os vídeos do Carlinhos!”.

**3**

Retornei para a sala do quinto ano sorrindo. Claro, um pouco atrasada, mas sem arrependimentos. Naquele dia, aprendi com uma pequena criança que a calma e a paciência não estão por aí para atrapalhar aqueles que correm e planejam a todo momento. Na verdade, elas apenas querem um instante de atenção para perceber-